Publicações
justNews
www.justnews.pt

A PARTILHA DE BOAS PRÁTICAS ENTRE TODAS AS UNIDADES DO SNS

Jornal Oficial Jornadas Multidisciplinares de MGF

75 anos 1951-2026 SPMI Sociedade Portuguesa de Medicina Interna

Jornal Parceiro

SCIENCE STORY

Os jogos tornam as crianças atentas ou mais distraídas?

P. 2

PUB
1926 2026 100 RECORDATI
Our first 100 years

JORNAL MÉDICO

Diretor: José Alberto Soares
Mensal • Outubro 2026
Ano XIV • Número 150 • 3 euros
PublicaçãoPeriódica

DOS CUIDADOS DE SAÚDE MULTIDISCIPLINARES



Rodrigo Leão, presidente do XXXIV Congresso de Aterosclerose, lembra que a prevenção e tratamento da doença CDV exige cada vez + intervenção multidisciplinar.

P. 8

PUB
10 A 13 DE MARÇO DE 2027
IX JORNADAS MULTIDISCIPLINARES
DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR
SHERATON PORTO

USF do Minho prioriza acessibilidade

P. 16/23



E mantém enfermeiros com listas organizadas por área geográfica. Na foto, o coordenador, Francisco Fachado, junto à exposição que esteve patente, este verão, na Galeria de Arte desta Unidade da ULS de Braga

SERVIÇO DE MI DA ULS DE SANTA MARIA



FEDERICA PARLATO:
A atração pelos cuidados intermédios

P. 10

Marta Matos
O papel do Serviço Social nas equipas de saúde mental

P. 4

ESPECIAL
Conferência de NUTRICIONISTAS 2026

P. 26/30

Manuela Fonseca assegura, na ULSSJoão, a **Consulta de Enfermagem de Fatores de Risco Cardiovascular**

P. 6



IX JORNADAS MULTIDISCIPLINARES
DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR



P. 7

Para Manuel Barbosa, "a abordagem paliativa faz parte da boa prática da MGF"



Rafaela Veríssimo diz que a MI e a Geriatria têm uma **"complementaridade real"**

P. 14

LUÍS GUEDES MARTINS, PRESIDENTE DA APDPN:

"O diagnóstico pré-natal não termina ao identificarmos uma anomalia fetal"



P. 12

IX JORNADAS MULTIDISCIPLINARES
DE MEDICINA GERAL E FAMILIAR
10 A 13 DE MARÇO DE 2027
SHERATON PORTO

MANUEL BARBOSA, COORDENADOR DA EQUIPA COMUNITÁRIA DE SUPORTE EM CUIDADOS PALIATIVOS MAIA/VALONGO:

"A abordagem paliativa faz parte da boa prática da especialidade de MGF"

CONVIDADO A PARTICIPAR COMO PALESTRANTE NAS IX JORNADAS MULTIDISCIPLINARES DE MGF, EM MARÇO DE 2027, MANUEL BARBOSA IRÁ FOCAR-SE NUMA TEMÁTICA QUE CONHECE BEM, A DOS CUIDADOS PALIATIVOS (CP). NESTA ENTREVISTA, O MÉDICO DE FAMÍLIA DA ULS DE SÃO JOÃO REALÇA O PAPEL QUE OS SEUS COLEGAS DE MGF TÊM NESTA MATÉRIA.



Manuel Barbosa: "Os Cuidados Paliativos continuam demasiado associados aos últimos dias de vida..."

"O médico de família acompanha a pessoa ao longo do tempo, da pré-conceção ao luto, conhece a sua história, a família, o contexto e aquilo que para ela é importante. Essa visão longitudinal e global torna-se especialmente valiosa quando surge uma doença grave, progressiva ou ameaçadora da vida", começa por contextualizar Manuel Barbosa, para logo afirmar que "a abordagem paliativa faz parte da boa prática da especialidade de MGF".

"A linguagem importa!", exclama o coordenador da Equipa Comunitária de Suporte em Cuidados Paliativos (ECSCP) Maia/Valongo, sublinhando que as pessoas não "vão para paliativos" nem "passam a ser dos paliativos". O que acontece é que "têm necessidades paliativas, que variam ao longo da trajetória da doença e apresentam diferentes graus de complexidade. Algumas podem ser respondidas através de uma abordagem paliativa básica ou generalista nos CSP, enquanto outras exigem a intervenção de equipas especializadas em Cuidados Paliativos".

"O essencial é reconhecer essa variação e construir verdadeiros cuidados partilhados entre as equipas de saúde familiar e de CP", conclui.

Manuel Barbosa usa a imagem da pirâmide para deixar claro que a três níveis de prestação correspondem outros tantos de formação:

"A abordagem básica deveria integrar todos os cursos pré-graduados da área da saúde, enquanto os profissionais mais expostos a doentes com necessidades paliativas precisam de formação intermédia, se possível prática, nomeadamente nos internatos de MGF, Medicina Interna e Oncologia Médica. As equipas específicas de CP devem ter formação avançada."

No entanto, "não adianta termos um topo excelente, o que, infelizmente, é cada vez menos o caso de Portugal, se a base for frágil, sendo aqui que reside grande parte do potencial da MGF para aliviar sofrimento".

A resposta às necessidades paliativas, porém, "não se esgota nesta pirâmide clínica", alerta Manuel Barbosa, destacando, nomeadamente, a figura do cuidador informal, mas não se esquecendo de referir a comunidade e a sociedade em geral. Adverte, contudo, que "sem literacia e sem uma conversa mais natural sobre doença grave, dependência, morte e luto continuaremos a perpetuar mitos e a procurar respostas demasiado tarde".

A intervenção fulcral da MGF

Manuel Barbosa deixa um apelo: "Precisamos de mudar a forma como falamos de Cuidados Paliativos. Continuam demasiado associados aos últimos dias de vida, à doença oncológica, à desistência ou à morfina." Defende que sejam vistos "pela positiva, como cuidados ativos, globais e coordenados, orientados para o alívio do sofrimento e para a qualidade de vida da pessoa e da família, começando cedo e coexistindo com tratamentos dirigidos à doença".

A intervenção da MGF é fulcral: "Em vez de esperar pelo momento em que alguém possa ser considerado 'terminal', importa perceber que necessidades existem, que sofrimento está presente, o que é previsível acontecer nas semanas ou meses seguintes e que decisões vale a pena preparar. As trajetórias de doença e os instrumentos de identificação precoce ajudam, mas nenhum destes substitui o conhecimento clínico e longitudinal que o médico de família tem daquela pessoa."

> **"Referenciar não é entregar o doente, é alargar a equipa que cuida dele", afirma Manuel Barbosa.**

Há algo que o nosso entrevistado considera central: "Referenciar não é entregar o doente, é alargar a equipa que cuida dele." Por isso, "quando surgem sintomas de difícil controlo, sofrimento psicológico, social ou espiritual complexo, instabilidade clínica, conflitos na tomada de decisão ou grande sobrecarga do cuidador, a equipa especializada deve conseguir intervir atempadamente, tendo o médico de família um papel importante, precisamente pela continuidade da relação e pelo conhecimento da pessoa e da família".

Para Manuel Barbosa, muito do que os CP exigem está no núcleo da especialidade de MGF: "Cuidar da pessoa inteira, comunicar, acompanhar a família, trabalhar com incerteza, antecipar e decidir em função dos objetivos daquela pessoa. Há depois necessidade de formação, tempo, condições e acesso célere a apoio especializado quando a complexidade aumenta".

"Em CP, criar pontes é mais importante do que criar territórios. A qualidade depende menos de discutir a quem 'pertence' o doente e mais de garantir continuidade e resposta adequada em cada momento", observa.

Responder às várias dimensões do sofrimento

A ECSCP Maia/Valongo, integrada na ULS de São João, acompanha, no domicílio, pessoas dependentes com necessidades paliativas complexas. Iniciou atividade assistencial a 23 de outubro de 2019 e já acompanhou mais de 1000 doentes e respetivas famílias e cuidadores. Coordenada por Manuel Barbosa, a equipa é constituída por 4 médicos, 4 enfermeiros, assistente social e psicóloga, "procurando responder às dimensões física, psicológica, social e espiritual do sofrimento".

"O modelo assenta em cuidados partilhados com os CSP. A ECSCP pode intervir em consultoria aos profissionais ou através de acompanhamento programado, sobretudo nos casos mais complexos ou instáveis. A intervenção inclui controlo de sintomas, comunicação e planeamento de cuidados, apoio à família e ao cuidador e articulação com os restantes recursos da ULS e da comunidade", explica Manuel Barbosa, que adianta:

"A equipa também desenvolve formação, colabora com a comunidade e faz investigação. Recebemos alunos do Mestrado Integrado em Medicina da FMUP e de mestrados em Cuidados Paliativos de diferentes áreas, e ainda profissionais em estágio para obtenção de competências reconhecidas pelas respetivas ordens."

Atraído pelos CP logo no internato

Manuel Barbosa nasceu no Porto em 1988, formou-se na FMUP (2006-2012) e é assistente graduado de MGF. Fez o Ano Comum no então CH de Entre-Douro-e-Vouga e a Formação Específica na ULS de Matosinhos, tornando-se especialista em 2018. Foi durante o internato que se aproximou dos Cuidados Paliativos, concluindo em 2016 o mestrado nesta área na Universidade Católica Portuguesa. Mais tarde, realizou a pós-graduação em Gestão e Direção de Serviços de Saúde na Porto Business School (2018/2019). Com competências reconhecidas pela Ordem dos Médicos em Medicina Paliativa e Gestão dos Serviços de Saúde, é assistente convidado e doutorando em CP na FMUP e integra a Direção da Associação Portuguesa de Cuidados Paliativos e o Colégio da Competência em Medicina Paliativa da OM.